

## **O TESOURO DOS MAIS VELHOS**

**ARAGÃO, Gilbraz; CARVALHO, Adélia e  
SARTORI, Cláudio.**

Ficha Catalográfica

ARAGÃO, Gilbraz; CARVALHO, Adélia e SARTORI, Cláudio.

**O tesouro dos mais velhos.**

Recife: Observatório Transdisciplinar das Religiões no

Recife, 2022.

(foto da capa: Adélia Carvalho, 1937-2022)

**ARAGÃO, Gilbraz; CARVALHO,  
Adélia e SARTORI, Cláudio.**

# **O TESOURO DOS MAIS VELHOS**

**Recife: Observatório  
Transdisciplinar das Religiões no  
Recife, 2022.**

## APRESENTAÇÃO

Este livrinho é um subsídio cristão para o aprofundamento do Antigo Testamento: o grande tesouro que os irmãos mais velhos na fé deixaram para guiar os grupos da gente.

O livrinho está organizado para sete encontros, nos quais se recupera para cada tempo bíblico a história do Povo e a experiência de Deus que aí surgiu. Ele faz isso em duas partes:

- um material mais didático e desenhado para ser usado pelos grupos de estudo e
- uns textos para preparação prévia dos animadores dessas comunidades.

O livrinho foi preparado com o maior carinho pela irmã Adélia Carvalho (que cuidou mais da arte), o padre Cláudio Sartori e o professor Gilbraz Aragão (que cuidaram mais dos textos).  
Bom estudo!



# MATERIAL PARA OS GRUPOS

## SOBRE OS DESENHOS

### DO ANTIGO TESTAMENTO:

A velha Aliança do povo com Deus foi registrada no livro do Antigo Testamento. Ele foi escrito por muitas pessoas e em tempos diferentes, mas sempre fala de Deus e da humanidade. De um lado mostra a história do Povo onde foi surgindo a Bíblia e do outro mostra como esse povo foi percebendo a presença de Deus na sua história.

O pessoal foi juntando as histórias que eram contadas oralmente, de pai pra filho, como vemos nos livros dos Provérbios ou da Sabedoria. Mas além dessa tradição, recolheram também as memórias e liturgias dos Santuários, onde o povo ia alimentar sua fé em Deus e solidarizar-se como nação. Tinha os Santuários de Siquém (Deuteronômio 11, 29), Silo (Samuel 1,3), Betel (Juízes 20,18) e Guilgal (Josué 3).

Aí se foi mostrando que existe uma continuidade da história de hoje com a história do passado: somos filhos de Abraão... Mas o passado não é absoluto, não é como Deus: é no presente que devemos ser fiéis àquele que conduziu o povo no passado e para isso precisamos descobrir modelos concretos para viver em fidelidade. O Antigo Testamento vai nos ajudar a viver o projeto de Deus, fazendo nova a sua Aliança com os homens.

### AOS GRUPOS DE EVANGELIZAÇÃO:

Neste material encontramos pistas para a leitura do Antigo Testamento. São sete reuniões, com dois

desenhos para cada: um mostra e situação do tempo da Bíblia e indica trechos para a leitura e outro mostra a situação do povo de Deus hoje e traz perguntas para ajudar na ligação entre fé e vida. Eles vêm acompanhados de uma linha do tempo onde os fatos bíblicos são marcados pra gente ir aprendendo a situar os temas.

Este material pode ser usado de diversas maneiras. Agora, é bom que os animadores se juntem cada vez com novas pessoas para preparar a reunião seguinte, dividindo as tarefas entre o grupo:

- passar os desenhos para um papel grande e bonito,
- preparar o ambiente, arrumando uma Bíblia e uma vela acesa na casa onde o pessoal vai se encontrar,
- puxar cantos e animar a reunião,
- fazer leituras e convidar gente pra rezar.



**O POVO DE DEUS SE ENCONTRA:**

Nossas reuniões podem seguir este roteiro:

**1. CANTO**

**2. VAMOS REZAR:** “Ó Deus, nosso Pai, estamos aqui juntos para conhecer melhor a tua Palavra. Ajuda a descobrir sempre, em todo lugar, qual é a tua vontade para a gente realizar o teu plano de amor e formar um mundo novo”. Pai-nosso...

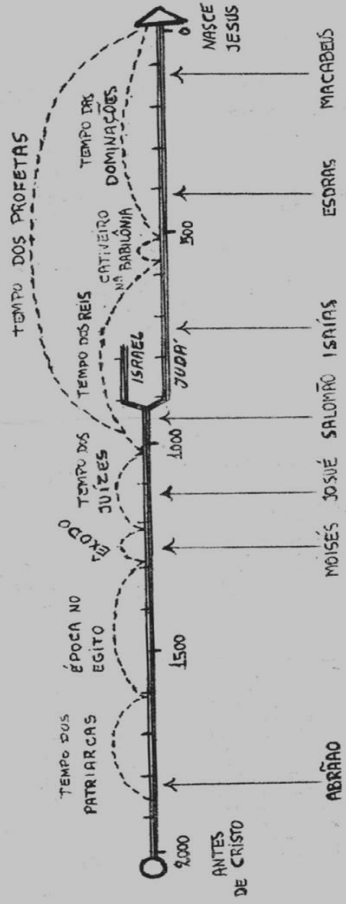
**3. OLHAR A BÍBLIA:** Alguém vai segurar a vela junto de quem vai ler na Bíblia o trecho indicado no primeiro desenho do dia. Depois se faz um pouco de silêncio e então a gente conversa sobre o que achou da leitura e do desenho...

**4. CANTO**

**5. OLHAR A VIDA:** Vamos passar para o segundo desenho do dia e cada um vai dizendo o que ele lembra da vida da gente. Aí podemos conversar mais sobre as perguntas que ele traz...

**6 AVALIAÇÃO:** Como o nosso grupo vai agir agora? Como vai ser o próximo encontro?

**7. DESPEDIDA:** De mãos dadas a gente reza e termina com esta prece: “Senhor, são benditos os pés dos que anunciam a felicidade, que trazem as Boas Novas e anunciam a libertação. Conserva-os no meio do teu povo, protege os seus passos, ilumina a sua inteligência e dá força às suas palavras. Amém”.





# MATERIAL PARA OS ANIMADORES

## **SOBRE OS TEXTOS**

Os textos são para os animadores lerem e meditarem antes dos encontros com os seus grupos. Eles se referem a cada um dos sete dias de reunião, percorrendo os grandes temas da formação do Povo de Deus: Abraão e o tempo dos Patriarcas, Moisés e o tempo no Egito, Josué e a formação do povo, os Juízes e a sociedade igualitária, a Monarquia e a volta à escravidão, as Dominações estrangeiras e os grupos pela libertação, os Profetas e o futuro do povo.

Em cada dia ou tema, o texto está dividido em duas partes: a recuperação da história do Povo e a experiência de Deus que surgiu nesse contexto. Dessa maneira, o animador poderá se preparar melhor pra ajudar no aprofundamento da conversa na sua comunidade. Principalmente, para ajudar a ligar a história de ontem com a história do Povo hoje, onde Deus quer nos falar uma palavra diferente, que cause diferença em nossas vidas.



Os santuários marcavam a união e a fé do povo do Antigo Testamento. Eram lugares onde se aprendia dos costumes, da história, de Deus. E aí se dizia que o povo tinha começado com Abraão, um homem que vivera lá pelo ano 1900 antes de Jesus. Com ele tinha começado o povo hebreu (Dt 6,20-24; 26,5-9; Js 24,2-13) e sobre ele havia muitas histórias, dependendo do momento em que se contava (Gn 12-25; Eclo 44,20-23; Hb 11,8-19).

O credo dos hebreus testemunhava que Abraão era um arameu errante e segundo Gn 11,31 ele era da região de Ur (atual Iraque) e passou por Harã. Aqui ele sentiu-se chamado a uma missão na terra de Canaã (atual Israel), onde começou a viver com o povo do lugar, numa região montanhosa (Gn 12,4; 13,10-13). Aí Abraão teve que lutar com gente gananciosa e reis opressores: mas ele fez alianças com o rei Abimelec, na terra de quem vivia, e até comprou um lugar para sepultar sua esposa Sara (Gn 21,23-34; 23).

Esse Abraão foi acompanhado por Javé - que era como ele chamava Deus. Sua fé nesse Deus da vida era tanta que ele mudou até os costumes, acabando os sacrifícios humanos (Lv 18,21). Abraão se deixou guiar por Deus, teve um filho chamado Isaac, cujo filho mais novo foi Jacó - depois chamado Israel.

O Gênesis ainda narra que Israel teve doze filhos e um deles, José, foi vendido como escravo (Gn 37-50). Mas ele tornou-se vice-rei do Egito e levou toda a sua família para lá, porque a terra era mais fértil. Essa história só foi costurada muito tempo mais tarde, com os retalhos que cada tribo trazia.

Isso porque o povo de Israel formou-se pela união de mais ou menos doze tribos que, colocando Abraão como ponto de partida, podiam considerar-se parentes e solidários. Por isso se falava de doze filhos, correspondendo às doze tribos. O importante era unir todas as tradições numa só história, uma vez que em todas elas se percebia a ação de um mesmo Deus da vida, chamado Javé: o Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

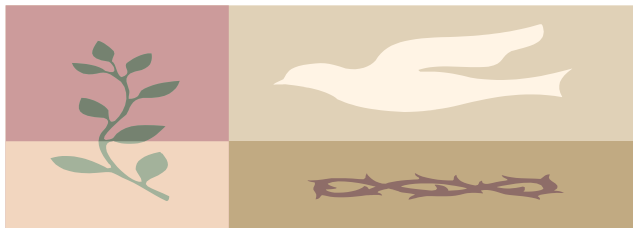
## 1º dia: Abraão e o tempo dos Patriarcas A experiência de Deus:

Qual a importância de Abraão para o povo de Israel e para o nosso povo hoje? Conhecemos muitas pessoas ou comunidades que passam pela vida sem assumir sua própria história, sem descobrir o sentido da existência. Por isso elas estão desanimadas e angustiadas, ou então se adaptam à situação do mundo e aos valores da sociedade.

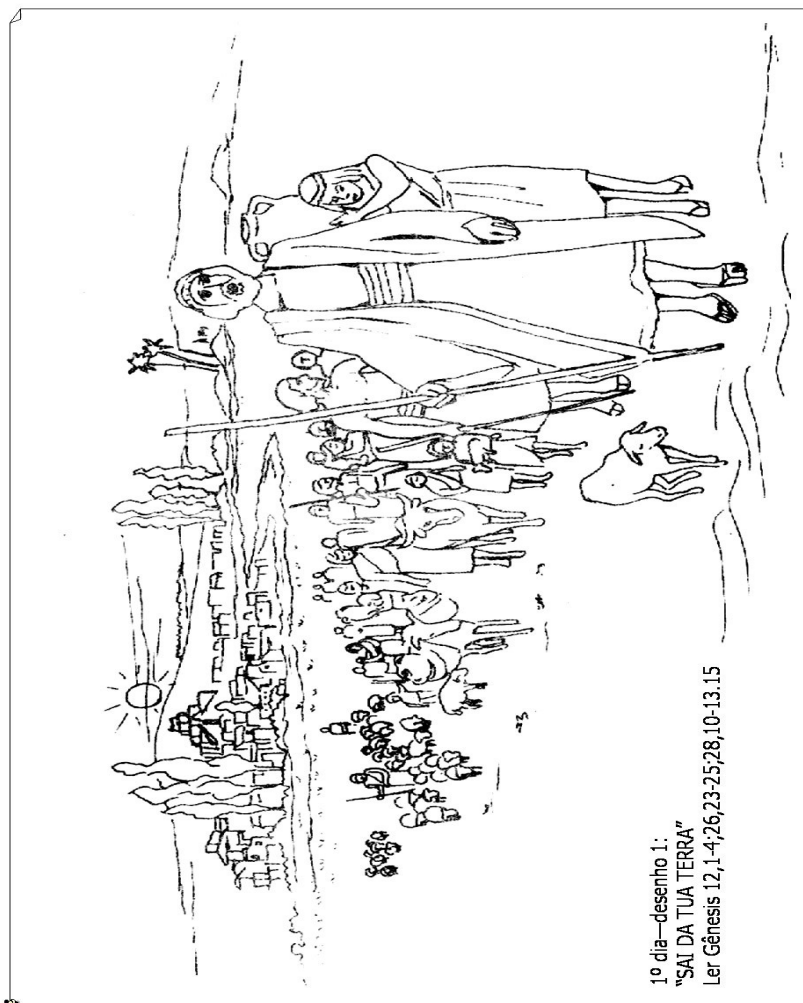
No tempo do Antigo Testamento era parecido. Mas os hebreus viram em Abraão uma luz, porque ele quis percorrer um caminho ainda não percorrido, saiu da sua terra em busca de mais vida. Esse é um caminho fundado na fé, na abertura para o futuro. Eis porque a Bíblia apresenta Abraão depois da Torre de Babel: ele não fica satisfeito nesta simples construção humana, mas procura horizontes maiores.

Neste novo modo de agir ele encontrou Javé, fez a experiência de Deus (Gn 17,18). Ele foi descobrindo que percorreu caminhos desconhecidos e sempre maiores porque era Deus quem o chamava e conduzia. Quando nos dizemos do povo de Abraão, nos dizemos também chamados por Deus: não vamos nos adaptar à realidade e aos costumes, mas caminhar superando o Já e esperando a vida que Ainda Não temos.

Como Deus conduziu a história de Abraão, também conduzirá a história das nossas comunidades. Fazemos a experiência do Deus de Abraão quando ligamos a VIDA (o nosso caminhar para um mundo novo, as nossas lutas para transformar a sociedade) e a FÉ (abertura radical para a futuro e para os outros, confiança na vitória final da vida). Assim participamos da caminhada de Abraão e nos aproximamos do seu Deus, Javé.



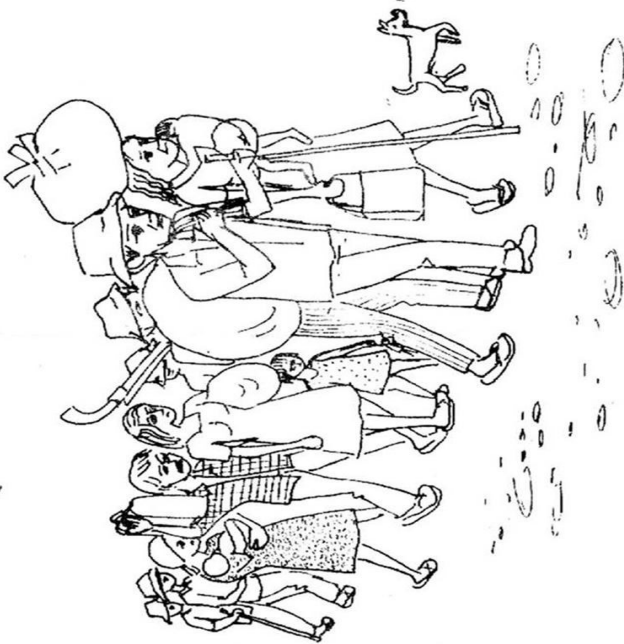
1º dia — desenho I



1º dia—desenho 1:  
"SAI DA TUA TERRA"  
Ler Gênesis 12,1-4;26,23-25;28,10-13.15

# 1º dia — desenho 2

1º dia—desenho 2:  
-Para que Deus chamou os Patriarcas?  
-Deus está presente na caminhada do povo hoje? Como?



Os primeiros frutos da colheita eram apresentados nos santuários, em louvor ao Deus da vida, e aí se rezava o Credo dos hebreus (Dt 26,6-10). É uma memória da ação divina que, para defender a vida do povo, atuou contra o faraó e libertou a gente escrava no Egito. O pessoal estava tão certo da presença de Deus nessa luta que nem falou de Moisés no Credo.

O povo não percebeu a ação de Deus nos quatrocentos anos que passou no Egito, até que apareceu Moisés e ajudou o povo a se livrar da escravidão. A Bíblia, pois, não relata a vida no Egito, mas lembra muito bem no livro do Êxodo toda a luta pra sair de lá. E Moisés foi muito importante nessa caminhada pelo deserto afora. No início só a sua tribo, a tribo de Levi, guardava as suas histórias - e por isto parece que só essa tribo saiu do Egito, liderada por Moisés e Aarão, e se uniu com outra tribo no deserto, onde passaram uns quarenta anos. Aí eles entraram na Palestina e fizeram uma Aliança com dez tribos de lá, para poder vencer os inimigos, que tinham se apossado da terra de seus pais.

Mas a tribo de Levi ficou importante, pois dela surgiam os sacerdotes e levitas ligados ao templo e à formação do povo. Depois da Aliança, as histórias de Moisés foram assumidas por todo mundo e todas as tribos ouviam nos santuários essas tradições:

No Egito o povo começou a viver uma escravidão insuportável e Deus ouviu os seus clamores (Ex 2,23), escolhendo Moisés para ser sinal de libertação. Moisés, que devia ter sido um guerrilheiro, estava com sua gente em fuga pelo deserto (Ex 2,11-15) e aí esqueceu o ideal (Ex 2,16-22). Então Deus o chama na Sarça Ardente (Ex 3,1-15) e diz que quer fazer do seu povo oprimido uma nova nação, de pessoas livres e felizes.

Aprender a ser livre não foi fácil porque tinha a tentação de voltar às pequenas seguranças do passado, à cebola do Egito. Foram tentados pela fome (Ex 16) e Deus ensina que devem partilhar; depois veio a sede (Ex 17) e Deus ensina que devem caminhar em frente. Enquanto o povo queria um Deus às suas ordens e não suportava o seu silêncio, Javé só faz Aliança com o pessoal que assume mesmo a luta pela libertação (Ex 24,1-11). Essa Aliança feita no monte Sinai era depois lembrada na festa da Páscoa.

## 2º dia: Moisés e o tempo no Egito A experiência de Deus:

*É esse Deus que fez a Aliança para a libertação que vai reunir todos os irmãos que vivem oprimidos. É este Deus que deve ser anunciado em todas as comunidades.*

A experiência do Êxodo feita pela tribo de Levi e marcada por Moisés, foi assumida por todas as tribos. É a experiência de caminhar movido por um Outro: Javé. Esse Deus de Israel lança a gente para um futuro de vida sempre mais plena e não aceita escravidões nem explorações. Seguir Javé é lutar contra as opressões.

Eis a esperança que era proclamada nos santuários de Israel: o nosso Deus liberta! Ele se apresentou na Sarça purificadora e mexeu com Moisés para sair do seu isolamento e ir conquistar a liberdade com os outros, não permite um povo que viva somente a receber ordens e não admite uma nação desorganizada - daí porque ele desperta animadores como Moisés (Ex 16,24-27).

Com o relato da libertação fica mais claro o lugar que devemos deixar e o lugar para onde devemos caminhar. Naquele tempo deviam deixar o Egito e a escravidão do faraó, deixar as pirâmides construídas com o suor dos trabalhadores, deixar a terra onde o povo não conseguia se desenvolver. O Deus de Abraão e de Moisés anima o povo para partir. Partir para a Terra Prometida, onde haverá leite e mel, onde se viverá em liberdade, na partilha e na fraternidade.

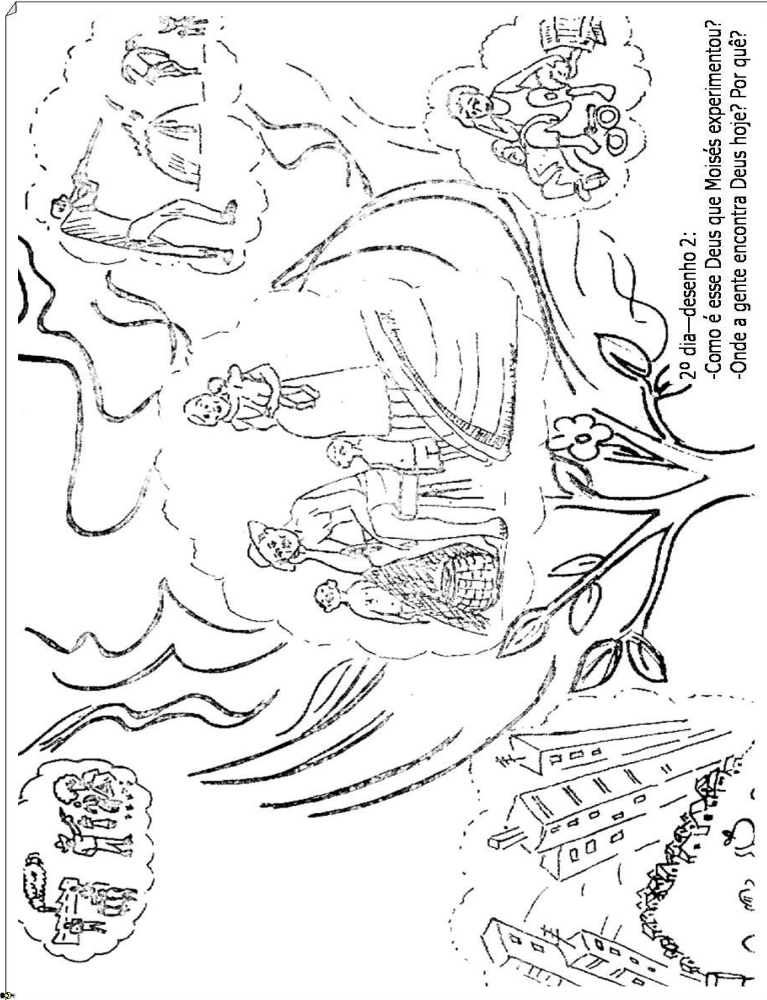
E nós, que caminhamos com esse mesmo Deus, o que devemos deixar? Para onde vamos seguir? É esse Deus que fez a Aliança para a libertação que vai reunir todos os irmãos que vivem oprimidos no campo e na cidade. É este Deus que deve ser anunciado em todas as comunidades.

## 2º dia—desenho I





# 2º dia — desenho 2



No credo dos hebreus (Dt 6,20-23; Js 24,8-13) se afirmava que Deus não só inspirou os pais do povo, mas o acompanhou na sua formação. Moisés morreu antes de chegar na Terra Prometida e a sua longa caminhada pelo deserto afora, onde se uniu com o pessoal de outra tribo, foi concluída lá pelo ano 1200 antes de Cristo: Josué animou o povo para atravessar o Jordão e entrar na terra e Canaã (Js 3-5).

Aí o povo estava livre da dominação que sofria no Egito. Mas em Canaã já existia uma sociedade que não era ainda o que os hebreus esperavam: havia pequenas cidades-estados e cada uma tinha um rei. Eles copiavam o sistema do faraó, cercavam a cidade de muros e contratavam um exército para defendê-la e para exigir os pesados impostos que cobravam dos agricultores e dos pastores do lugar. Estes reis viviam fazendo guerras uns com os outros. Além disso, eram dependentes do império mais forte do momento e cada um pagava a ele para não ter sua cidade destruída.

Por causa dessa situação muita gente fugia e preferia morar nas montanhas, longe das cidades e dos soldados. Esse pessoal era mais livre e mais consciente da exploração que provinha dos reis, como também acreditavam num Deus contrário àquela opressão e também contrário ao deus que os reis invocavam. Quando aquele grupo de Josué chegou em Canaã se deu logo muito bem com esses habitantes das montanhas e o povo que vivia longe das cidades. Eles acabaram se reunindo e lutando contra os reis das cidades-estados.

As lutas destas tribos reunidas são narradas no livro de Josué, onde Deus sempre aparece caminhando com o povo para o combate. Aí Deus era simbolizado na Arca da Aliança (Js 6,1-16), que ia carregada por pessoas especiais e ficava protegida dentro de uma tenda. Ela era sinal da presença de Deus nas guerras para libertar o povo dos reis (Ex 25,10; I Sm 4-7; Js 12).

Derrotando as cidades-estados, o povo de Josué e seus amigos de Canaã se reuniram para uma grande assembleia na cidade de Siquém. Colocaram em comum suas histórias e reconheceram Javé como o Deus que animou sua ação libertadora. Assim, o povo estabeleceu um credo (Js 24,1-13) e se comprometeu de seguir somente a Javé (Js 24,14-24), afastando os deuses que escravizam. Também fizeram uma Aliança (Js 24,25-28) para organizar melhor as doze tribos.

## 3º dia: Josué e a formação do povo A experiência de Deus:

Josué e sua gente experimentaram um Deus que não é simplesmente palavra, mas Palavra feita carne. Ele comprometeu-se com o povo e tornou-se seu redentor, isto é, o parente mais próximo que se sente obrigado a nos libertar em caso de perigo. Na caminhada do povo, Deus manifestou sua presença através de sinais: sarça, fogo, nuvem, trovão, relâmpago - e agora armou sua tenda entre o povo e está presente na Arca.

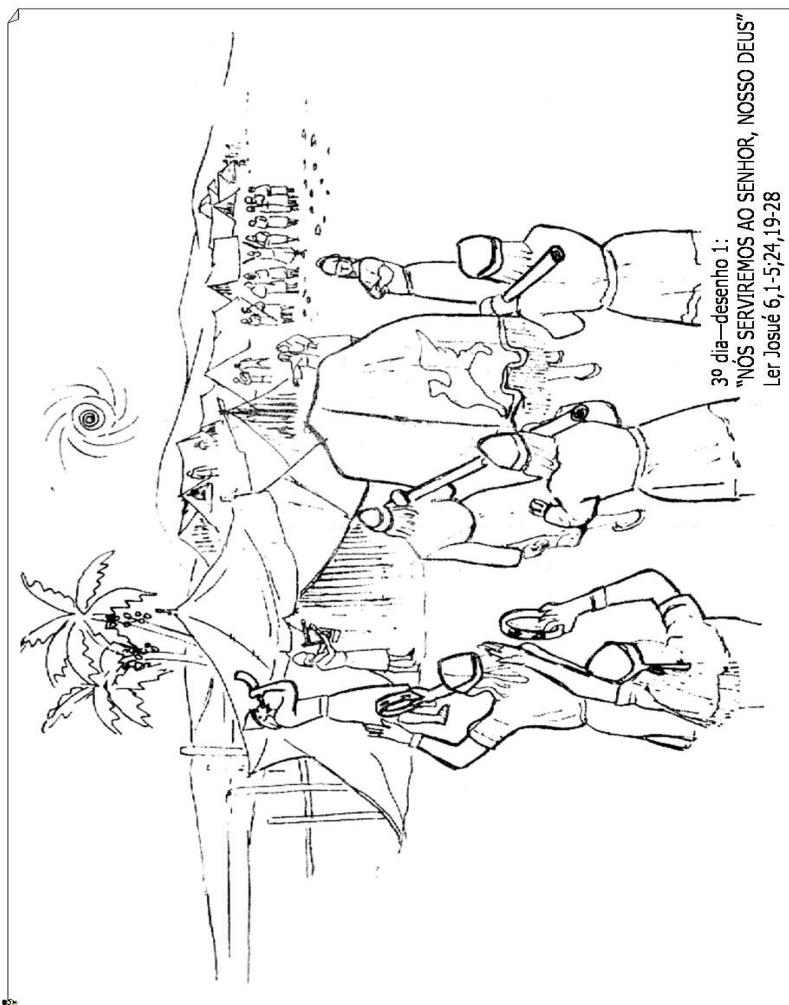
Assim, Deus era para o povo o ponto de partida e de chegada, mas também o companheiro, Aquele que “expulsou diante de nós todos os povos bem como os amorreus, que habitavam a terra” (Js 24,18). Essa experiência da libertação por obra de Deus acrescenta fé nEle: “É a Javé que serviremos” (Js 24,21). A experiência do nosso Deus, pois, se faz dentro do mundo e todas as ações que tendem à libertação do povo são sinais da sua presença sacudindo a história para o futuro.

Deus nos chama, nos convida a sair do lugar onde estamos, como fez com Abraão. Ele quer que nos juntemos aos outros e nos libertemos, do jeito que fez Moisés. Por fim, Ele nos acompanha nas lutas concretas contra os que amam falsos deuses, que produzem escravos e dependentes - Josué nos mostrou isso.

Também hoje, em nossas comunidades, somos acompanhados pelo Deus da Abraão, de Moisés, de Josué. Acontece que ele tem sido esquecido e muita gente bota no seu lugar aqueles deuses das cidades-estados, aqueles deuses que adormecem a consciência, justificando a dominação na terra com sua hierarquia nos céus. No lugar da Arca da Aliança, trazemos hoje a Cruz de Jesus Cristo para nos lembrar o mesmo Deus-Conosco, nosso companheiro nas lutas pela vida e contra os sistemas de morte, de exploração.

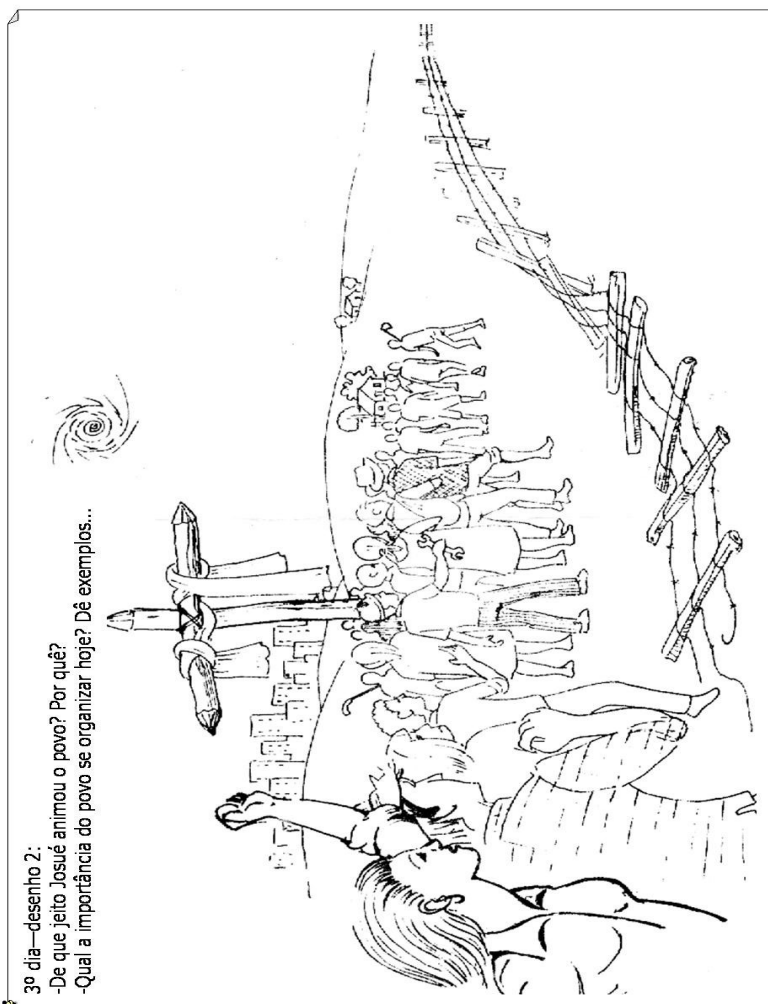


3º dia — desenho I



3º dia—desenho I:  
"NÓS SERVIREMOS AO SENHOR, NOSSO DEUS"  
Ler: Josué 6,1-5;24,19-28

## 3º dia—desenho 2



A paz não durou muito para o povo de Israel que começou a se formar nas terras de Canaã. Muitos grupos de filisteus chegaram e trouxeram a arte de trabalhar o ferro, produzindo até armas. Com isso os seus soldados começaram a dominar a região. Nesse tempo, que é narrado no livro dos Juízes e vai até o ano 1036 antes de Cristo, as tribos de Israel viviam nas montanhas e cada tribo era administrada por um juiz. Quando havia uma ameaça dos inimigos, sempre surgia alguém que assumia a liderança e reunia as tribos todas para a defesa.

Essas pessoas também eram chamadas de Juízes e havia mulheres entre elas. Seu esforço era para organizar a vida da sociedade de acordo com a experiência que Josué deixou e de maneira que a organização refletisse a ação libertadora de Deus. Por isso não havia um governo central para dominar tudo, mas cada tribo era independente e se ligava às outras porque reconhecia o mesmo Javé libertador: dele nascia solidariedade entre o povo.

Também a terra não podia ser vendida: os Juízes e seus auxiliares entregavam a cada família o que ela precisava e existiam leis para garantir essa partilha. Como as dos anos sabáticos e jubilar (Dt 15, Lv 25). Não existia um exército porque todos, como filhos do mesmo Deus, deviam ser solidários também nas emergências. A propósito, a comunicação com Deus dispensava os intermediários, os cultos dos sacerdotes; e a festa da Páscoa era celebrada em casa, presidida pelo pai-de-família. A sociedade caminhava na direção da igualdade porque partia desta experiência: “Eu sou Javé teu Deus, aquele que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Dt 5,6).

Só Deus devia ser o Senhor e o povo estava atento para reconhecer seus enviados. Por vezes eles não eram lá tão santos, como por exemplo Sansão que perdia a cabeça pelas mulheres (Jz 16,1-4; 14,2.7), matava por quase nada (Jz 14,16-19; 15,1-8), atrapalhava todo mundo (Jz 15,9-15) e fazia o que queria (Jz 14,3; 15,10-15). Mas era considerado um dos maiores juízes, porque o povo via nele um sinal do Deus libertador: era Deus que, por Sansão, livrava o povo dos filisteus dominadores e defendia um povo de iguais.

## 4º dia: os Juízes e a sociedade igualitária

### A experiência de Deus:

*Os hebreus descobriram que esse mistério que deixa saudade em nós tem um nome: Javé. Ele é o Deus verdadeiro, a fonte do nosso desejo de liberdade...*

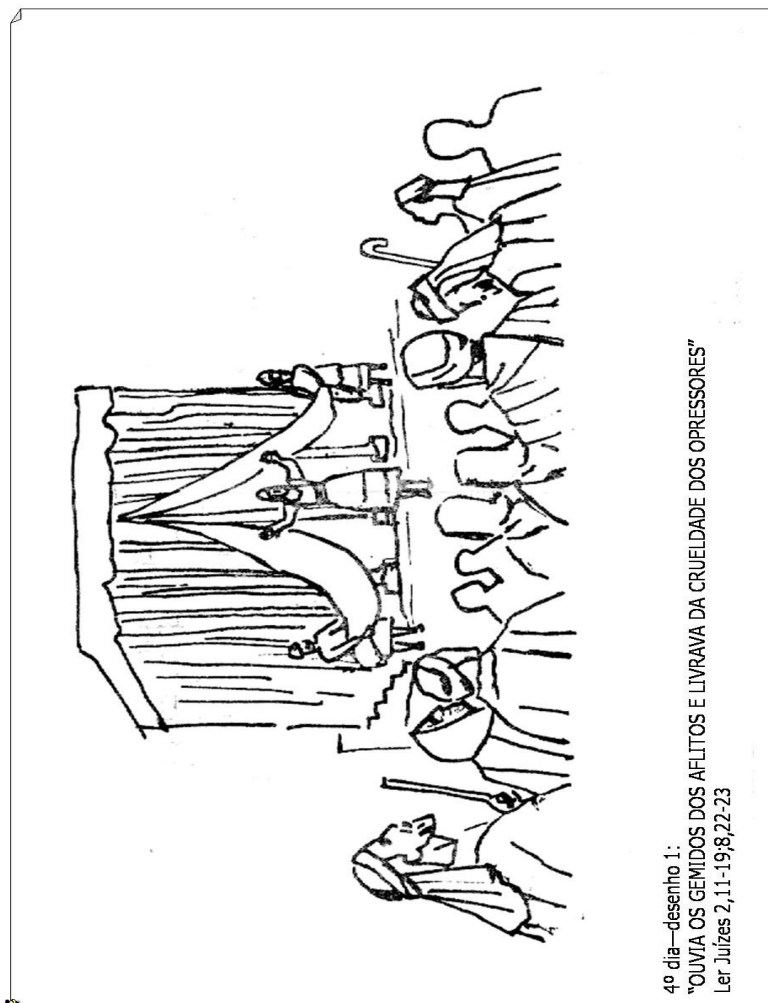
Javé, o Deus de Israel, não ficou só no coração do povo, mas tomou seus pés, suas mãos, inspirando a política e a cultura. Os deuses das cidades-estados e dos filisteus eram distantes e desiguais, lembrando as relações de dependência do povo para com a realeza.

Mas as tribos de Israel buscavam uma sociedade nova e diferente, que combinasse com o Deus único e libertador em quem acreditavam: Javé, criador de todos, sem distinção. A organização da economia, as leis e as instituições, como também as festas daquele povo refletiam a experiência, contada de pai pra filho e proclamada nos santuários, de um Deus que não permite escravidão e provoca a fraternidade.

Essa história de Israel nos ajuda a compreender em profundidade a história das comunidades hoje: somos todos “errantes” porque trazemos em nós a saudade de uma vida feliz. Os hebreus descobriram que esse mistério que deixa saudade em nós tem um nome: Javé. Ele é o Deus verdadeiro, a fonte do nosso desejo de liberdade, a mesma que moveu Moisés para libertar o povo da escravidão. Em vista da felicidade, cada povo deseja também uma “ordem”, uma organização, que passa a ser diabólica quando se distancia do projeto de Deus, quando não respeita a igualdade das pessoas, quando não busca a fraternidade do tipo que os hebreus fizeram, animados por Josué e pelos Juízes.

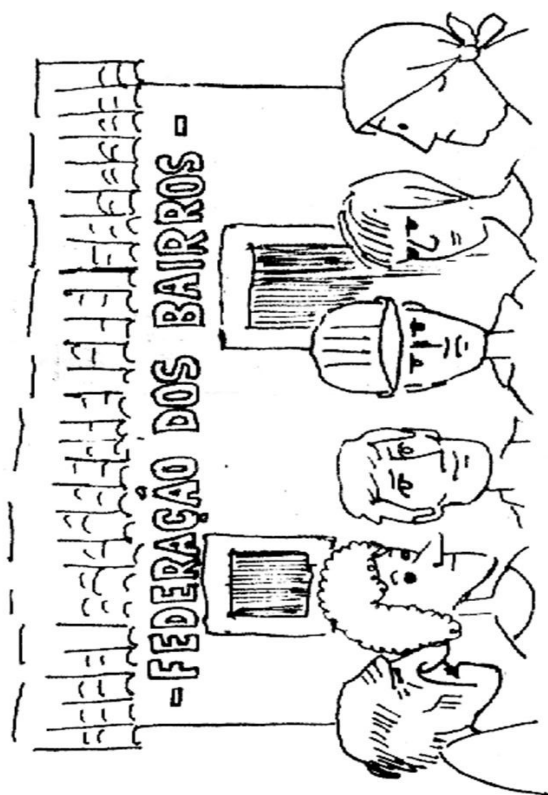
Eis aí o desafio: transformar as estruturas da sociedade e fazer da nossa história a história do povo de Deus, sempre lutando contra a exploração dos pobres, das crianças, dos outros...

## 4º dia—desenho I





## 4º dia—desenho 2



4º dia—desenho 2:

- Por que o povo abandonou o Projeto de Deus?
- Como devem ser os líderes do povo hoje?

Chegamos ao tempo de Samuel, mais ou menos 1050 anos antes de Cristo. Os filisteus, que eram inimigos das tribos de Israel, estavam mais poderosos e até tinham roubado a Arca da Aliança (I Sm 4,1-11), aquele sinal de presença de Javé. De um lado os filisteus controlavam tudo, inclusive a venda do ferro que se usava nas armas. Por outro lado os hebreus tinham como juiz Samuel (I Sm 8,5), que já era velho e cujos filhos não seguiam seu bom exemplo.

Por isso tinha um grupo de gente que, para enfrentar o perigo dos filisteus, queria um rei para Israel. Diziam que os povos vizinhos, ao deixarem de ser pastores nômades para viver nas cidades, também tinham se organizado em monarquias e que um rei iria reunir as tribos melhor que os juizes. Samuel e seus amigos respondiam que só Deus podia mandar em Israel e admitir um rei significava voltar à escravidão do Egito, quando um homem mandava em tudo (I Sm 10,18-19). O rei iria querer muitas mulheres e cobrar pesados impostos.

Mas como a maioria queria a mudança, Samuel consagrou Saul como rei e ele foi aceito pelo povo reunido no santuário de Guilgal (I Sm 8,21; 9,26-10). Esse rei, porém, não devia ser diferente do povo nem estar acima da lei. Com isso, Israel se fortaleceu e conseguiu vitórias contra os filisteus. Mas Saul não foi fiel a Deus e aí Samuel o abandonou (I Sm 13,7-15) e ungiu Davi para ser o novo rei (I Sm 16,1-13), que se tornou famoso ao derrotar o forte Golias. Aí Saul não se conformou: Davi só foi aceito depois que ele morreu, e apenas pelo pessoal do Sul - porque as tribos do Norte quiseram como rei Isbaal, filho de Saul.

Acontece que Isbaal foi assassinado e todo mundo se juntou a Davi na conquista da cidade de Jerusalém, que ficou sendo a capital do reino (2 Sm 5,6-12). Davi se tornou símbolo do amor de Deus para com o povo e trouxe a paz. Adonias era seu filho mais velho e pensava em ser o futuro rei, mas Salomão que era filho de Davi com outra mulher teve o apoio do sacerdote Sadoc, do general Hananias e do profeta Natã e juntos tomaram o poder (1 Rs 1,28-40). Por garantia, Salomão mandou matar seu irmão e outras pessoas. Depois casou com a filha do faraó, aumentou o exército e o reino, construindo até um palácio que fazia inveja (1 Rs 3,1; 4,21-25) aos outros reis e um templo maravilhoso, onde se começou a escrever a memória do povo (os primeiros livros da Bíblia).

## 5º dia: a Monarquia e a volta à escravidão A experiência de Deus:

As riquezas da monarquia eram às custas do trabalho do povo (I Rs 5,13-18). Por isso as dez tribos do Norte não aceitaram Roboão, o filho de Salomão, e proclamaram como rei Jeroboão, o líder da resistência. Esse reino de Israel ficou separado das duas tribos do Sul, o reino de Judá. Com o reino dividido e os reis afastados de Deus (I Rs 11,9-13), o povo voltou à escravidão: o Norte escravo da Assíria e o Sul da Babilônia.

Os livros de Samuel, dos Reis e das Crônicas nos mostram que Deus é superior a tudo e que nenhuma estrutura ou organização se identifica com ele. Mas esse futuro divino quer estar já presente entre o povo e por isso as pessoas devem se organizar.

Os princípios da sociedade que Deus quer são bem claros: Javé não admite a escravidão nem marginalização das pessoas, Javé não permite que o povo entregue sua consciência mas quer todo mundo participando e se organizando. A lei de Deus é para todos e para os reis e responsáveis principalmente.

Dessa forma não se pode dizer que para Deus não importa uma estrutura ou outra: a monarquia devia atender às necessidades do povo, respeitando as exigências de Deus. Mas Salomão já tomou o poder num golpe de Estado, sem ter o apoio do povo. Os reis fizeram do poder um ídolo a quem o povo devia servir.

Com o suor dos trabalhadores se mantinha a luxo do império e a situação ficou parecida com o tempo da escravidão no Egito. Aí, novamente, Deus deve ser buscado na luta contra os ídolos da opressão: Javé nem abençoou nem abençoa um sistema social injusto. Quer dizer, o Deus dos nossos pais era um Deus do povo, que não fazia “qualquer negócio com qualquer um”: Javé dá força ao povo que luta unido para manter os direitos de todo mundo.



# 5º dia—desenho I

5º dia—desenho I:  
"VÃO LAMENTAR POR CAUSA DO REI"  
Ler 1 Samuel 8,10-22a

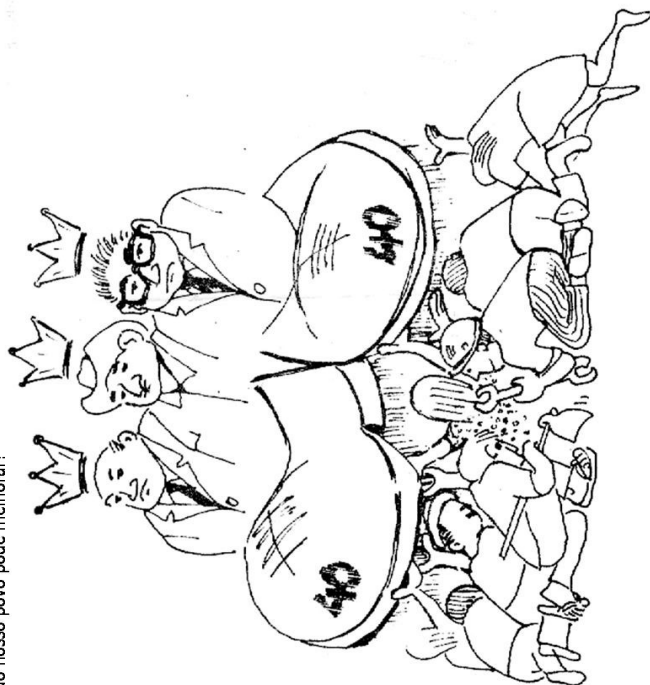


## 5º dia—desenho 2

5º dia—desenho 2:

-Por que Israel queria um rei?

-Como a situação do nosso povo pode melhorar?



A Arca da Aliança tinha sido levada para Jerusalém e Salomão aí construiu o Templo. Esse santuário era tão importante para a vida dos hebreus que, mesmo quando as tribos do Norte formaram o reino independente de Israel, o pessoal vinha oferecer sacrifícios em Jerusalém, descendo à capital do reino do Judá. Por isso o rei Jeroboão fez construir um templo no Norte mesmo, lá em Betel, mas ele acabou destruído pelos assírios em 721 antes de Cristo.

A propósito, os assírios deportaram muitas pessoas e trouxeram para o Norte gente de muitos lugares, provocando o casamento entre raças diferentes. Isso era proibido pela lei de Moisés, por causa dos costumes e deuses diversos, e por isso os judeus odiavam os samaritanos que aí nasciam.

Acontece que também o templo de Jerusalém foi destruído em 587 e o povo do Sul foi deportado para a Babilônia, até que os persas derrotaram este império e o rei Ciro permitiu a volta dos judeus. Era o ano 538 antes de Cristo e, apesar de submetidos aos persas, sem ter mais juizes nem reis, o povo lembrou o modelo de Davi - que tinha o templo como o centro do reino - e começou a se organizar com a animação dos sacerdotes, entre os quais Esdras.

Os sacerdotes foram reconstruindo o templo de Jerusalém, proibindo o casamento com estrangeiros e exigindo o conhecimento da lei. A comunidade judaica se refazia. Mas os gregos derrotaram os persas e passaram a controlar os israelitas: queriam que eles mudassem os costumes e a religião. Pra isso derrubaram o sumo-sacerdote e colocaram outro de sua confiança, construíram uma cidadela grega perto do templo para ensinar novos valores, proibiram a circuncisão e os costumes do povo. Até colocaram sobre o altar de Javé uma estátua de Júpiter, o deus grego. Tudo isso está narrado nos livros de Macabeus.

Esses Macabeus eram a família que deu início a uma revolução que tornou os judeus independentes lá pelo ano 143. Só que havia muitos grupos e não existia uma liderança comum: os batistas mergulhavam na água em sinal de mudança de vida e achavam que as melhoras viriam se o povo cumprisse a lei; os fariseus também respeitavam a lei e desprezavam o sumo-sacerdote que não era da família de Sadoc; os saduceus eram a classe rica e não aceitavam a crença do povo na ressurreição; os essênios viviam isolados para não se misturar com os pecadores e esperavam um Messias; tinha também os guerrilheiros...

## 6º dia: Dominações e grupos pela libertação

### A experiência de Deus:

O povo foi se dividindo e as famílias brigavam pelo poder. A independência acabou quando o império romano se aproveitou da situação e apoiou a família de Herodes fazendo-o rei de Israel: com a sua morte, no ano 4, os romanos dividiram Israel em três partes, que distribuíram com os filhos de Herodes.

Com as dominações estrangeiras, o povo experimentou o profundo mistério de Deus: Ele aceita a história e suas regras, mas é maior que a história terrena. Javé não anula as forças históricas, nem mesmo aqueles que estão contra Ele e contra seu povo, mas atua por dentro dessa história: despertando grupos e animadores fiéis para transformar as sociedades e organizá-las conforme a sua vontade.

Porém Javé não é só isso: sendo fiel ao povo que se entrega a Ele, sendo fiel ao justo que o serve até à morte, o Deus da vida aponta para a ressurreição, para a vida plena da comunidade humana. Como os Macabeus (2 Mc 7), devemos descobrir essa razão para não temer a morte e ficar fiéis a Deus

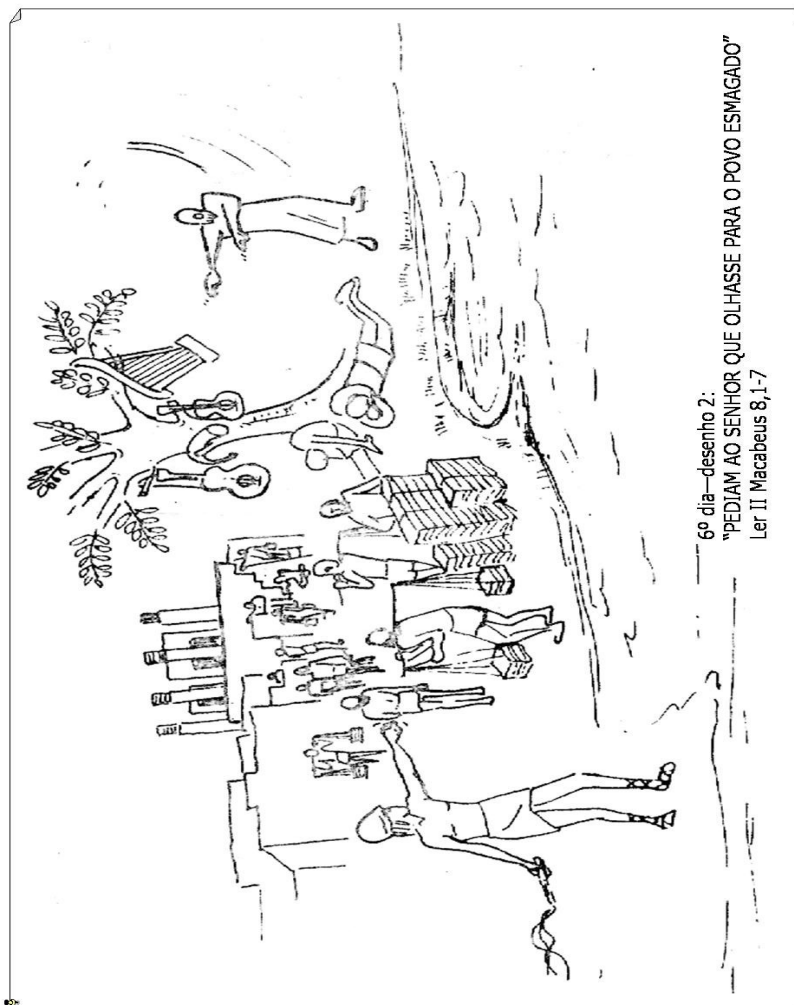
Os judeus também descobriram que Javé não estava preso no templo nem na cidade de Jerusalém: ele acompanhou o povo no cativeiro e estava presente quando o pessoal se unia para

*Surgiram as  
sinagogas, casas  
de oração onde o  
povo lia a lei e os  
profetas,  
relembrando a  
história e  
procurando  
caminhos novos  
para o futuro.*

rezar e cumprir a lei. Por isso surgiram as sinagogas, onde o povo lia a lei e os profetas, relembrando a história e procurando caminhos novos para o futuro.

Aí se percebeu que o Deus verdadeiro não é só de Israel: Ele enviou Ciro, o rei persa, para libertar o povo escravo na Babilônia (Is 41,1-7;45,1s); Ele é, enfim, o criador do mundo todo (Is 40-45); é aquele cujo sopro dará vida aos ossos esmagados.

# 6º dia—desenho I



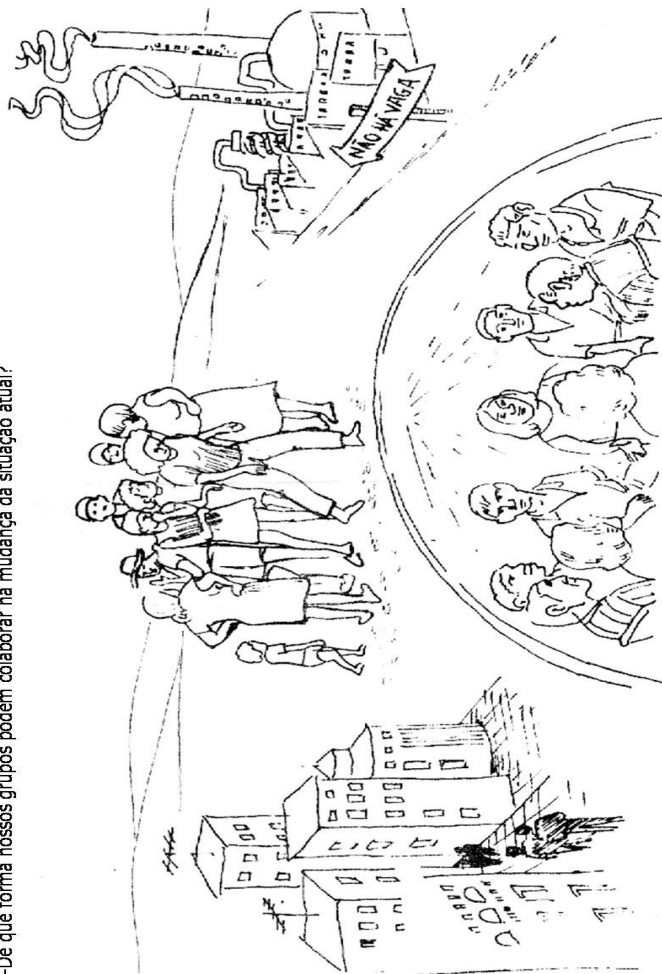
6º dia—desenho 2:  
 "PEDIAM AO SENHOR QUE OLHASSE PARA O POVO ESMAGADO"  
 Ler II Macabeus 8,1-7



## 6º dia — desenho 2

6º dia — desenho 1:

- Qual foi a presença dos Macabeus no meio do povo desanimado?
- De que forma nossos grupos podem colaborar na mudança da situação atual?



O povo de Israel criou duas instituições que o ajudaram a crescer: em torno do poder político apareceram Moisés, Josué, os juízes, os reis, os anciãos, que deviam garantir a participação de todos no bem comum e a paz para o povo; e em torno da paixão religiosa surgiram Levi, Aarão, Sadoc, que desde o templo ajudavam o povo a se relacionar com Deus e a cumprir a lei, a tomar consciência que deviam ser uma nação santa. Com a queda da monarquia, os sacerdotes chegaram a exercer também o poder político.

Acontece que, nos momentos de crise na história do povo, os judeus descobriam de repente os profetas: sozinhos ou em grupos, eles surgiram para defender os pobres, para lembrar a Aliança do povo com Deus, para apontar o futuro. Os profetas não cabiam numa instituição mas mexiam com todas.

Eles eram mensageiros da Palavra divina (Jr 1,9). Em certo momento da vida, Deus os chamou dum modo irresistível (Am 7,15; Is 6; Jr 1,4-10) e os escolheu como seus mensageiros. Manifestaram a vontade de Deus e, pelas suas ações, foram sinais do que anunciaram: a fé em Javé, o Deus único; o desprezo pelo pecado, pelo que atentava contra o Deus de justiça (Amós), contra o Deus de Amor (Oséias), contra o Deus de santidade (Isaías); além da esperança infinita na salvação (Is 11,6-10; Mq 5,6-7; Ez 37,12-14).

O profetismo é muito antigo e pouco sabemos dos seus grupos. Mas os livros dos Reis lembram Elias e Eliseu: Elias era solitário e defendeu o verdadeiro Deus na invasão dos cultos estrangeiros, derrotando os profetas de Baal; enquanto Eliseu entrou nas guerras da época, denunciando as posses sem direito dos reis. Depois temos os escritos com a mensagem do Movimento Profético que acompanhou as encruzilhadas da história nacional: a ameaça assíria e a ruína do reino do Norte, a ruína do reino da Judá e a partida para o exílio, o fim do exílio e o retorno. O primeiro desses profetas foi Amós, lá pelo século VIII antes de Cristo.

Os séculos seguintes foram marcados por Isaías e Jeremias, além de Oséias, Miquéias, Naum, Sofonias e Habacuc. No exílio aparece Ezequiel e começa a literatura apocalíptica enquanto a corrente de Isaías é continuada no Livro de Consolação (Is 40-55). Os profetas do retorno, Ageu e Zacarias, se preocuparam com a reconstrução do templo, e Malaquias censurou os defeitos da nova comunidade. O livro de Jonas retoma as Escrituras antigas e o de Daniel anuncia a chegada do Reino de Deus.

## 7º dia: os Profetas e o futuro do povo A experiência de Deus:

Depois desses profetas seguiu-se um silêncio, até a chegada de João Batista, o último profeta da Antiga Lei.

A presença dos profetas era um sinal da criatividade de Deus: eles perturbavam a segurança dos que queriam tudo bem arrumado e sem imprevistos. Os profetas surgiam até de fora de Israel, como Balaão, e podem surgir de fora da Igreja, para defender os direitos dos pobres e de Deus.

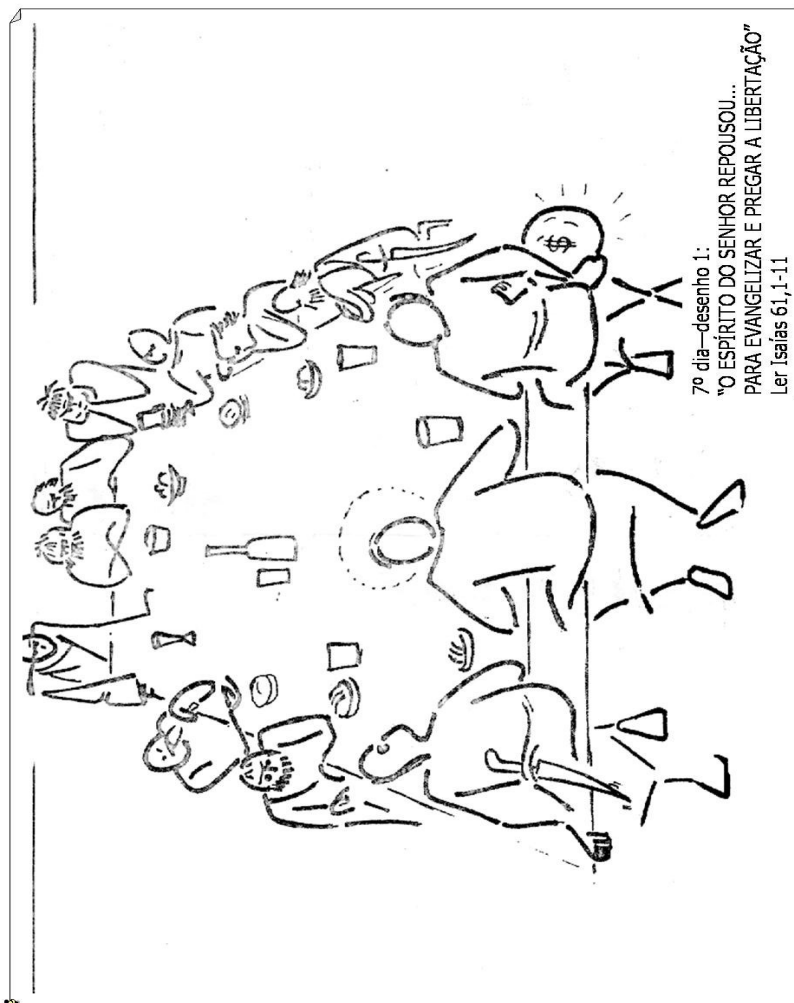
Hoje, como ontem, eles pregam a conversão da vida de todo o povo e protestam contra um ritualismo alheio a toda preocupação moral (Is 1,11-17; Jr 6,20; Os 6,6; Mq 6,6-8). Apontam pra uma espiritualidade para além do templo: no caminho libertador.

Os profetas experimentaram o mistério da Deus (Is 6; Jr 1) e daí relativizaram tudo nesta terra, tanto na política como na religião. O Deus que eles apresentam é parcial: o defensor dos pobres e desprotegidos, contra os opressores de todo tipo. Ao mesmo tempo em que é gracioso, Deus é exigente: quer o amor fiel dos homens, mesmo quando se sintam abandonados - como aconteceu com Jó, que amava independentemente do que recebia.

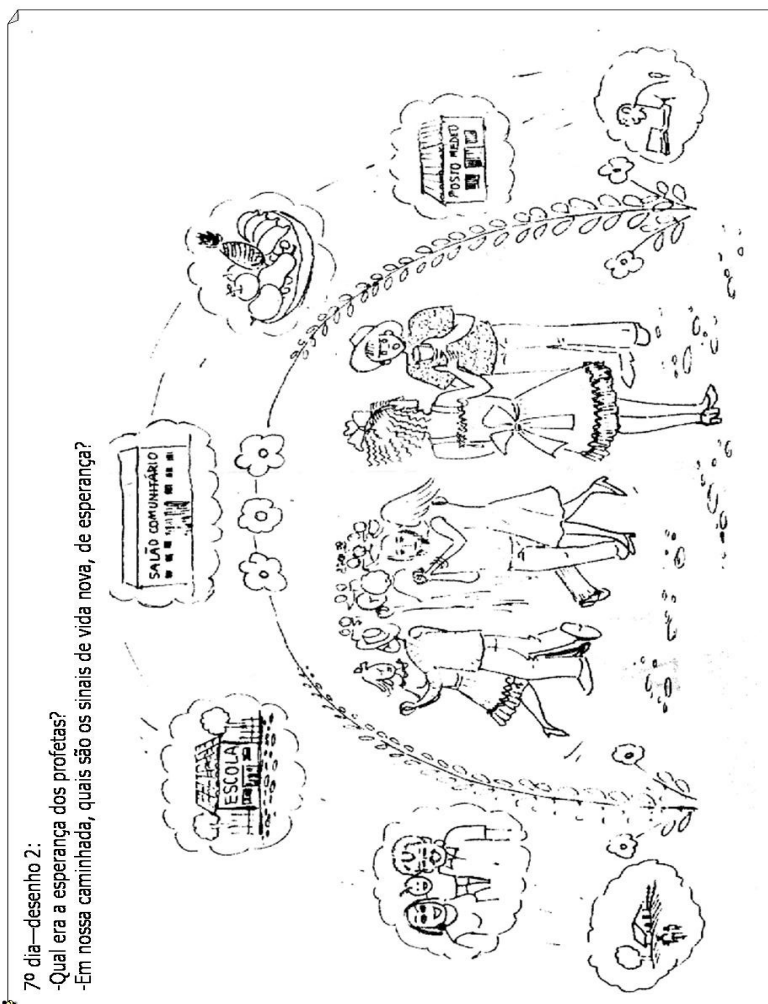
Finalmente os profetas animavam as pessoas simples e sensíveis a Deus com a esperança de que Javé (também chamado Eloim) é a vida que sempre fecunda a história - como Elias descobriu no deserto, de onde voltou sem medo para participar nas mudanças do mundo. Assim preparavam a chegada do Messias, Jesus Cristo - salvador do resto de Israel e libertador das nossas comunidades. Jesus vivenciou a experiência profética de Deus, assim como os cristãos deviam fazer...



## 7º dia—desenho I



## 7º dia — desenho 2



## **SOBRE OS AUTORES**

### **Irmã Adélia Carvalho**

nossa Irmã Adélia, é missionária salesiana mas é também artista plástica: transmite espiritualidade pela arte, como pinta a sua vida religiosa com a maior beleza. Adélia é uma Artista da Caminhada, retrata em seus quadros engajados a vida sofrida das nossas Severinas e Severinos, mas sobretudo simboliza a esperança do povo afrolatíndio de alcançar justiça socioambiental, em uma sociedade de Bem Viver. A irmã é também animadora de Comunidades Cristãs de Base e facilitadora do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, onde desenvolve aprendizagens lúdicas para sermos mais descentrados e cuidadosos com os outros. Adélia é uma pessoa íntegra, de gestos ternos e traços que encantam. Ensaia a estética de um outro mundo possível, onde a própria espiritualidade cristã transborda e se torna relacional e inclusiva, rompendo fronteiras entre sagrado e profano, criando pontes alternativas entre identidades que se estranham. Suas figuras tão humanas, que só podem ser divinas, vivem fazendo roda e dançando ciranda, criando um vazio entre diferentes culturas e religiões. A pintura de Adélia sugere sempre espaço para um misterioso “terceiro”, entre e além. E por isso desperta para a mais autêntica mística.

### **Padre Cláudio Sartori**

é um croata-italiano que reúne qualidades de bom religioso: vida de oração, serviço à promoção dos empobrecidos e gosto pelos estudos. Formado em engenharia aeroespacial, já adulto descobriu a fé cristã e voou por paragens maduras para outros "céus". Trazido por Dom Helder como missionário, tornou-se animador de Comunidades Cristãs de Base e foi professor de teologia, sobretudo cristologia, na Universidade Católica de Pernambuco e nos Seminários do Nordeste brasileiro, também diretor do Instituto de Teologia do Recife e reitor do Seminário da Paraíba. Sartori foi responsável pela educação de muitos padres e teólogos, a quem "procurou oferecer a mesma esmerada formação intelectual e espiritual que desenvolveu nos grupo populares que ele acompanhou, no Jordão e em Pontezinha".

### **Professor Gilbraz Aragão**

trabalha na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) desde 1991, sendo hoje Professor Titular e Pesquisador nos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião e em Teologia. É também Colaborador no Programa de Pós em Ciências das Religiões da UFPB. Doutor em Teologia pela PUC-RJ (2004) e Mestre pela Pontifícia Faculdade de Teologia de São Paulo (1994), Graduado em Filosofia e Teologia. É Coordenador do Grupo de Pesquisa interuniversitário sobre Espiritualidades, Pluralidade e Diálogo (CNPQ), desde 2009, e do Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife, a partir de 2005. Mantém pesquisa sobre teologia cristã e diálogo inter-religioso, transdisciplinaridade e estudos de religião.



**Quem era o Deus no qual acreditava o povo de Jesus? Qual a relação dessa “imagem” de Deus com a história do povo? Que inspiração essa experiência pode trazer para as comunidades cristãs de hoje? Este livrinho quer ajudar a responder a essas questões, quer ajudar na atualização da mensagem do Antigo Testamento—que é referência tanto para os seguidores de Jesus Cristo, como também para o seu povo judeu e os muçulmanos.**

**Estudando a história do povo de Israel, descobrimos exemplarmente que no meio das crises surge sempre a aposta de fé em novos valores humanos e/ou percebe-se a Palavra de Deus que dá um novo sentido à vida. Daí nasce uma religiosidade, explicitada em mitos, ritos e interditos—simbologia essa que precisa ser interpretada sempre à luz daquela experiência.**

**Em toda a história do judaísmo antigo, aparece claro para a consciência de Israel quem é o seu Deus: Javé, “poder libertador na caminhada do povo”. Este é o núcleo da revelação de Deus ao povo bíblico: “Estou com Israel, fielmente, em todos os momentos de sua história, como seu Deus”. Foi este tesouro de fé que Jesus tentou recuperar e do qual as comunidades cristãs devem tirar consequências.**